ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

FOTOGRAFIAS PESSOAIS NO FACEBOOK: corpos e subjetividades em narrativas visuais compartilhadas

PERSONAL PHOTOS ON FACEBOOK: bodies and subjectivities in shared visual narratives

FOTOGRAFÍAS PERSONALES EN EL FACEBOOK: cuerpos y subjetividades en narrativas visuales compartidas

Irenides Teixeira[1]
Edvaldo de Sousa Couto[2, 3]

RESUMO

Este artigo propõe a discussão sobre como os alunos ingressantes da graduação presencial estão percebendo a educação online fazendo um breve perfil desses alunos. A pesquisa baseia-se em um questionário feito com 129 alunos ingressantes da graduação presencial de seis cursos presenciais

[1] Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, Mestrado em Comunicação e Mercado e Especialização em Teorias da Comunicação (1996) pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, Graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (2009) e em Psicologia (2008) pelo Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP/ULBRA. E-mail: irenides@gmail.com.

[2] Pós-doutoramento em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Doutorado em Educação (UNICAMP), Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e graduação em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). É professor Titular na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Departamento de Educação II. É professor permanente no programa de pós-graduação em Educação e um dos coordenadores do GEC: Grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias. É bolsista do CNPq (PQ 2). E-mail: edvaldosouzacouto@gmail.com.

[3] Endereço de contato com os autores (por correio): Centro Universitário Luterano de Palmas, Curso de Comunicação Social. 1501 Sul, Av. Teotônio Segurado, Plano Diretor Sul, 77000-000 - Palmas, TO.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

Jornalismo, Pedagogia e Direito (Humanas) e Arquitetura, Engenharia Elétrica e Engenharia Civil (Exatas) da Universidade Federal do Tocantins na cidade de Palmas-TO. Por meio do questionário foi possível conhecer a percepção dos alunos com relação à Educação Online. Trata-se de um estudo exploratório de caso. Pelos resultados apurados, identificou-se que em geral a percepção dos alunos foi negativa, em especial, as percepções quanto ao rigor acadêmico, fraudes e plágio.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas Fotográficas; Facebook; Corpos; Subjetividades; Construção do Conhecimento..

ABSTRACT

This research discusses, in an approximation with the narratives of Alice in Wonderland, the Greek Mythology of Narcissus and the Lost Boys in Neverland, the ways of articulation of the corporeal experiences of the juvenile subjects by the production and photographic publicity in the social networks, signaling other learning routes - in a specific look at the narratives woven on the social network Facebook. The objective was to investigate and analyze the shared photographic juvenile narratives in digital social media, in order to understand other routes of learning signaled by these narratives. It is a qualitative research, descriptive and analytical, founded in 'Netnopesquisa'.

The research concluded that the juvenile bodies depicted in the photographs published on Facebook are techno-digital communication channels; the juvenile subjects print in their bodies publicized in social networks the avatarization of freedom;the youthful bodies profiled on Facebook are educated by the senses and articulate in a unique trajectory of each subject; facebook is a formative instance and photographic narratives lend freedom to the non-fixation of their bodies.

KEYWORDS: Photographic Narratives; Facebook; Bodies; Subjectivities; Knowledge Building.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

RESUMEN

Este artículo propone una discusión acerca de la manera en que estudiantes universitarios de pregrado que estudian de manera presencial perciben la educación en línea a partir de un breve perfil de estos estudiantes. La investigación se basa en un estudio de caso exploratorio realizado con 129 estudiantes de pregrado de la Universidad Federal de Tocantins pertenecientes a programas presenciales de periodismo, educación, derecho, arquitectura, ingeniería eléctrica e ingeniería civil. La metodología se desarrolló a partir de la aplicación y análisis de una encuesta a los 129 estudiantes. Los resultados obtenidos muestran que, en general, la percepción de los estudiantes fue predominantemente negativa, en particular, las percepciones acerca del rigor académico, el fraude y el plagio.

PALABRAS CLAVE: Percepción de los estudiantes; Educación en línea; Educación superior.

Recebido em: 28.02.2017. Aceito em: 23.05.2017. Publicado em: 01.07.2017

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

Relevância e atualidade do estudo proposto

Este trabalho trata das narrativas fotográficas juvenis compartilhadas na rede social Facebook como rotas de aprendizagens. É uma pesquisa realizada com jovens universitários - do curso de Comunicação Social, do Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP/ULBRA - que compõem o universo juvenil como sujeitos avatarizados. Sujeitos esses que interagem no ciberespaço e são detentores de habilidades e competências que lhes permitem (re)desenhar uma paisagem cibercultural, em razão da estreita relação desses sujeitos com as tecnologias digitais. Essa condição coloca os jovens no movimento da cibercultura1, dotando-os de subjetividades produzidas por suas próprias inquietações, frente a um universo de múltiplas possibilidades. Nesta pesquisa, essas possibilidades são refletidas à luz das narrativas de Alice no País das Maravilhas, da Mitologia Grega de Narciso e dos Meninos Perdidos na Terra do Nunca. Nossas escolhas, por essas trilhas metafóricas, advêm das aproximações que esses personagens, bem como os sujeitos pesquisados, possuem nos seus modos de se aventurarem em espaços/tempos distintos em busca de Si mesmos.

Objeto de estudo

O objeto deste estudo são as narrativas fotográficas juvenis compartilhadas no Facebook, sinalizando outras rotas de aprendizagens. Ambos os movimentos - as narrativas fotográficas e as aprendizagens - são da mesma natureza pedagógica: são práticas, procedimentos, técnicas e exercícios de artefatos que se cruzam e se atravessam mutuamente. Para entendimento dessa realidade, levamos em conta as questões e os atores juvenis que se fazem

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

presentes nessas narrativas fotográficas. Isso significou enfrentar o desafio da cultura visual, numa dimensão cibercultural, o que implicou em novas propostas epistemológicas e metodológicas na busca da resolução do problema de pesquisa: como os jovens produzem sentidos de corpo e (re)significam a consciência perceptiva da sua singularidade, por meio das fotografias compartilhadas nas redes sociais? E o que essas narrativas sinalizam como outras rotas de aprendizagens?

É no contexto multifacetado e híbrido da cibercultura que nosso objeto de pesquisa – as narrativas fotográficas publicizadas e compartilhadas no Facebook - se faz presente. Nosso interesse por esse objeto se deve a trajetória profissional da pesquisadora na área da fotografia, no que tange as intersubjetividades do Eu e do Outro no fazer pedagógico.

Aproximações teóricas

Nesta pesquisa, os jovens são tomados como sujeitos-imagens – pixels - (KIRST, 2010) molécula das imagens que os vários interatores que transitam no Facebook têm dos sujeitos postados – incessantemente (re)definem-se e se permitem serem (re)definidos sempre que publicizam seus Eus. Nesse jogo, oferecem possibilidades para tirá-los da dimensão do plano de quase invisibilidade. Esses sujeitos e suas linguagens se constituem uma importante linha de pesquisa para a área de educação, pela capacidade que os sujeitos juvenis vivem: sem as amarras do passado, numa presentividade eufórica e instantânea do exercício do Eu, como possibilidades de interfaces curriculares fundamentais na implementação nos modos de pensar, agir e formar sujeitos sociais.

Num cenário marcado por significativas transformações nos aspectos objetivos e subjetivos de tempo e espaço, nas formas de socialidades e nos

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

modos de Ser e estar na contemporaneidade, essas teorias sustentaram nosso olhar em função das diversidades, multiplicidades e complexidades das culturas juvenis, fortemente marcadas pelas tecnologias digitais, que possibilitam aos sujeitos experiências infinitas de criação e recriação do seu próprio espaço social (SILVA, 2013).

Além disso, nos possibilitaram desvendar os pontos de força que formam a cultura juvenil, em especial os territórios ciber, em que esses sujeitos se fazem enquanto seres sociais e se constituem agentes expressivos dessas transformações, dando origem às ciberculturas juvenis. Essas marcadas pela leveza, ausência de peso, mobilidade e inconstância, uma vez que os jovens desse tempo rompem com as barreiras que tradicionalmente limitavam a condição juvenil: "Morrem as faixas etária, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades" (CANEVACCI, 2005, p. 29).

Na presentividade, a condição juvenil é dilatada e plural, fundada na extrema incerteza, imprecisão e instabilidade (ROCHA, 2009). Uma condição líquida, híbrida, incapaz de manter a forma. Esse movimento é desvelado nas relações dos jovens em suas narrativas visuais, produzidas e espetacularizadas em fotografias nas redes sociais digitais que dão pistas de suas condições ciberculturais. Nesse processo, estão imbuídos elementos estéticos e culturais da condição de Ser dos sujeitos juvenis, facilmente despertos, controlados, acionados, reconstituídos pelas pontas dos dedos no ato de acionar o disparador. O sujeito se fragmenta no recorte desse tempo e quando lançado à rede social fica a deriva do gozo e dos imperativos das formas outras do olhar do Outro.

Nesta pesquisa, o sentido de texto é alargado, referindo-se às fotografias produzidas e publicizadas pelos jovens no Facebook, na perspectiva de uma

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

realidade que considera a subjetividade o poder constituidor das redes sociais digitais. Tomamos a subjetividade como processos – modos de Ser de uma incansável produção que transborda o indivíduo, por todos os lados - que se fazem nas conexões entre fluxos heterogêneos, dos quais o indivíduo e seu contorno seriam apenas uma resultante. Assim, as figuras da subjetividade são, por princípio, efêmeras, e sua formação pressupõe necessariamente agenciamentos coletivos e impessoais (ROLNIK, 1996).

Neste contexto, os discursos em torno dos movimentos culturais, marcados pela instantaneidade dos novos tempos, enfatizam a ação, a produção ativa e não simplesmente o consumo passivo do sujeito. Além disso, acreditamos que essas categorias de análise são lentes essenciais para a leitura do fenômeno posto nesta pesquisa: as culturas juvenis e suas narrativas fotográficas compartilhadas no Facebook. Portanto, refletir e investigar as potencialidades discursivas das narrativas visuais, a partir das relações dos jovens com as tecnologias digitais implicou trabalhar a cultura digital na perspectiva de que essa contribui para as práticas formativas.

A pesquisa se insere na perspectiva da cultura digital, na esfera do ir além, que é o próprio ato de superar barreiras, limites (BHABHA, 2010). Essa cultura que é, antes de tudo, híbrida, dinâmica, volátil, permeável, mutante permite o sujeito viver, de algum modo, além da fronteira de nosso tempo; dá potência às diferenças sociais, temporais, que o (re)posiciona e (re)define a sua noção de Ser e existir no território da cultura líquido-moderna. Esses movimentos são, nesta pesquisa, saberes cruzados, desafios próprios da condição interdisciplinar que a contemporaneidade exige. Nesse contexto, os sujeitos imersos nessa cultura são cada vez mais produtores de conhecimento. Esse sujeito que é plural, diferenciado e móvel (CANEVACCI, 2005), tem a informação não como um produto acabado, mas inacabado, interminável.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

Na cibercultura, o campo produtivo é marcado por múltiplas conexões, configuradas em novas subjetividades de modo que essas produções ganham status de espetáculo nas redes sociais digitais. E, é nesse território cultural que os jovens – atores dessa pesquisa – publicizam suas intimidades, espetacularizam seus Eus. Se representam e representam o Outro quando do compartilhamento de vivências, emoções e sensações. Essas projetadas em narrativas fotográficas compartilhadas em álbuns virtuais ou simplesmente em suas linhas do tempo nas redes sociais, mais especificamente no Facebook.

Nesse contexto, há um processo de troca simbólica, expressões da socialidade, que gera laços sociais naturais entre os sujeitos e os fruidores de suas narrativas. Complexa e híbrida, essas expressões culturais decorrem do deslocamento de um mundo concebido em termos binários, onde cada sujeito, em suas mais diversas performances visuais, é distinto pela singularida sujeito juvenil (re)configuram o seu jeito de pensar, sentir, Ser e agir e, evidentemente, um , na perspectiva da liberdade de produção e compartilhamento de conteúdos.

Nessa lógica, novas formas de discursos, produção de significados e interações pessoais são construídas, (re)direcionando seus sujeitos e seus territórios, na dimensão comunicacional, social e política da cibercultura. Essa dimensão se constitui para os jovens fronteiras esfaceladas para criar, permitindo os movimentos, as transformações e as produções do Ser e estar jovem no ciberespaço. Com isso, é configurada uma nova pedagogia cultural que favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e as aprendizagens coletivas em rede.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

Procedimentos metodológicos

As fotografias publicadas no Facebook são objetos de difícil recorte metodológico, por serem de natureza mutável e efêmera, podendo ser excluídas e reconfiguradas constantemente por seus autores. Nesta pesquisa, as narrativas fotográficas juvenis compartilhadas no Facebook são tomadas como etnotextos, fixadores de experiências (MACEDO, 2006), que reproduzem as cosmovisões de seus sujeitos. Nesse contexto, a análise das narrativas fotográficas dos sujeitos juvenis - conteúdos de Si e dos Outros – fundamentaram-se na etnopesquisa: recurso metodológico "interpretacionista" (MACEDO, 2006).

O método utilizado foi da netnografia - transposição virtual das formas de pesquisa face-a-face. É uma janela por meio da qual o pesquisador observa comportamentos naturais de uma comunidade e/ou seus sujeitos em seu funcionamento nas redes digitais (FRAGOSO, RECUERO; AMARAL, 2011). A partir dessa compreensão, selecionamos, para esta pesquisa, 12 jovens universitários, imersos no Facebook, que se expressam por meio de uma polifonia de narrativas fotográficas.

Nessa perspectiva, buscamos compreender os discursos dos sujeitos jovens que se encontram num movimento cibercultural, enquanto autor/ator/narrador de suas performances fotográficas no Facebook. Com o olhar netnográfico, transitamos pelos perfis no Facebook dos atores envolvidos nesse estudo, numa transposição virtual das formas de obter informações. A partir do itinerário da investigação - revisão bibliográfica, coleta e produção dos dados e orientação daqueles que caminharam conosco no grupo de pesquisa - algumas descobertas sinalizaram a construção do corpus deste trabalho. Como estratégia metodológica, a coleta e produção dos dados foram realizadas por intermédio de observações nos álbuns, nas linhas do tempo nos perfis dos

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

jovens pesquisados e também por meio de entrevistas com esses sujeitos. As entrevistas foram realizadas com 12 (doze) jovens acadêmicos, do Curso de Comunicação Social, do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA: 5 (cinco) do sexo masculino e 7 (sete) do sexo feminino com idades entre 19 e 23 anos. A escolha por esses sujeitos se deu em função desses jovens demonstrarem em seus perfis, no Facebook, imersão diária, tendo como prática postagens de fotografias como estratégia narrativa de suas performances.

As fotografias publicadas e publicizadas na linha do tempo e organizadas e disponibilizadas em álbuns virtuais foram o lócus das observações. A observação foi o mecanismo de aproximação do ponto de vista dos sujeitos. Considerando que todas as imagens são, por natureza, representativas, as selecionadas, nesta pesquisa, foram organizadas por categorias - o ato fotográfico, o Ser e parecer Ser e cartografia das emoções - que perpassaram a construção e a compreensão que esses autores/atores/narradores têm de corpo.

Com base nessa premissa foram organizadas as narrativas fotográficas em três grupos: as que mostravam o dia-a-dia dos jovens pesquisados. Do segundo grupo fizeram parte as fotografias que se enquadram na categoria autorretrato. Já o terceiro grupo se constituiu das narrativas fotográficas em que o corpo se mostra como um espaço expressivo em que emoções e subjetividades subsidiam os vários personagens que cada jovem apresenta no Facebook.

Relato da pesquisa

Com nosso deslocamento teórico-metodológico, construímos a tela da pesquisa, a partir da realidade empírica, com rigor e comprometimento. O

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

objetivo foi estudar os sentidos corporais que se destacam em fotografias pessoais no Facebook, revelando-lhes os traços mais substantivos e suas performances nas telas digitais, a partir de processos discursivos, decorrentes das narrativas fotográficas, que dão vozes a esses sujeitos e os empoderam no exercício da tessitura de suas subjetividades.

As telas são espaços que materializam a personificação dos Eus reais e imaginários dos jovens. Espaços esses que projetam discursos e narrativas fotográficas tecidas de significância cultural por jovens atores: sujeitos fluidos, dinâmicos, marcados pela velocidade da cultura digital; autores/atores/narradores de suas performances e nesse movimento produtores de conteúdos que mapeiam suas existências.

Nessa trajetória, narram em imagens suas particularidades e pluralidades acerca do que pensam, do que desejam; tecem discursos de um corpo dinâmico, performático, atual e mutante, cujas marcas sinalizam processos discursivos que estão além dos aspectos de socialidade: estão na emergência em imprimir outros movimentos no que tange aos modos de Ser, estar e de se constituir na rede. Essa rede, para os jovens atores, são possibilidades de caminhos que só se fazem a partir do caminhar ou do navegar, ou, de simplesmente, estar à toa na rede.

Em seus movimentos, nesses caminhos, os sujeitos juvenis quase sempre, sem o compromisso da chegada - porque ainda não se sabe verdadeiramente o que são os caminhos, apesar de se ter noção de onde se quer chegar - pluralizam suas histórias e, com isso, se permitem experienciar nos caminhos Eus distintos e intermináveis. Nesse movimento, ultrapassam a condição de jovens e se constituem entity (CANEVACCI, 2005). Sujeitos além da faixa-etária, além da condição orgânico-inorgânico.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

Nesses percursos, propagam-se e dão lugar a sensações e trocas reais, num movimento que, a um só tempo, os colocam na condição de autores/atores/narradores de suas próprias performances. Munidos de aparatos digitais de produção e reprodução do que são ou do que gostariam de Ser, esses sujeitos, pelos ambientes do Facebook, agem, criam laços, experimentam papéis e assumem outras subjetividades. O Outro que curte e compartilha faz parte desse jogo de enunciação.

Para os jovens pesquisados, as fotografias publicizadas na rede são práticas de comunicação e trazem indícios que evidenciam características sobre seus comportamentos e suas aparências, numa teia de relações que esses sujeitos constroem com o Outro. A fotografia narra sentimentos, desvela desejos, atesta sua existência. Isso se dá num exercício constante de se colocarem em narrativas fotobiográficas, favorecendo a explicitação do Eu enunciado que se constitui numa relação de aprendizado. A enunciação promove interação entre os interlocutores no tempo em que ela ocorre e o espaço onde acontece a troca. Assim, o enunciado será delimitado pelas diferentes possibilidades de uso da linguagem, aqui fotografia, palavras e figuras.

O discurso que é promovido no Facebook é da ordem dos acontecimentos e os jovens que enunciam no Facebook estão a espera de aceitação, de promoção, de aplausos. Há um processo de troca simbólica - expressões da socialidade - que gera laços sociais naturais entre os sujeitos e os fruidores de suas narrativas. As trocas acima dão conta da dimensão das interações desses sujeitos no que tange aos vínculos estabelecidos. Estes são reforçados à medida que o Eu-narrador e os Eus-interpretantes trocam ideias, sensações e percepções. Isso implica em percepções margeadas pelas

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

incertezas, pelo indeterminado e pela ousadia desses jovens atores ao se mostrarem e pela apreensão de não serem percebidos.

Para que a interlocução aconteça se faz necessário que o Eu-narrador (o corpo fotografado) e o Eu-interpretante (os amigos do corpo fotografado) atuem nesse cenário de enunciação - Facebook. Todo processo comunicacional pressupõe o querer dizer de alguém e o querer aceitar de Outro - os discursos - instrumentos de interação para os jovens atores imersos nesse processo. Esses jovens que tecem novos modos de relacionamentos, que promulgam discursos efêmeros, mas significativos, são atuantes e, de modo colaborativo e lúdico, compartilham conteúdos por meio da imagem e da escrita de forma a congregar cada vez mais distintos atores.

Esse compartilhamento permite que o Outro aprecie o que é posto e intervenha de forma livre, numa experiência de exposição e legitimidade. O que os jovens atores desse processo percebem do mundo advém do que eles experienciam, de modo que, ciclicamente, é construído o Eu social desses sujeitos. O corpo dos atores - materializado nas fotografias e exibido no Facebook - é portador de comunicação. Suas marcas sígnicas: vestes, indumentárias, tatuagens, expressões faciais sinalizam quem são e o que gostariam de Ser.

Nesse contexto, as fronteiras dos Eus dos sujeitos pesquisados são demarcadas por aqueles que se colocam na rede e também pelos seus interlocutores em constantes e sucessivas (re)interações. Toda ação que realiza e toda relação que constrói coloca em jogo sua corporeidade, Sob holofotes, progressivamente performático e imagético, esses corpos privilegiam singularidades estetizadas convertidas em modismos flutuantes (COUTO, 2012a, p. 172).

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

Para os sujeitos juvenis, o corpo é uma fonte inquietante e transversal de comunicação. É palco de (re)apresentações e de celebrações ciberculturais: precisa estar pronto para o uso imediato, para o prazer passageiro, para satisfação instantânea (COUTO, 2007). Nas narrativas fotográficas, os atores são conscientes que utilizam seus corpos como expressões textuais, gramáticas singulares, passíveis de leituras e interpretações: corpo-linguagem, corpo-expressão.

Nesta perspectiva, o que os sujeitos juvenis fazem, ao narrar suas vidas e sensações, por meio das fotografias digitais, e publicizá-las no Facebook, é um jogo de encenações. Toda fotografia é encenação (SOULAGES, 2010). Esses jovens assumem diversos papéis: corpos teatralizados, que simulam desejos. A concepção barthesiana do "isto existiu" dá lugar ao "isto foi encenado" que nos permite compreender a natureza da fotografia. "Diante de uma foto, só podemos dizer: "isto foi encenado", afirmando, dessa maneira, que a cena foi encenada e representada diante da máquina e do fotógrafo" (p.26). Num movimento libertário do sujeito narrador, essas encenações sugerem outros jogos enunciativos, a partir dos comentários postados, desafiando e experimentando com ousadia e curiosidade os resultados que desencadeiam os jogos.

Cada narrativa fotográfica que se tem, cada manifestação corporal por sua vez, é entendida como um movimento intencional significativo e que, a partir do olhar do Outro, se constitui uma relação sujeito-cultura: com ele – objeto e corpo fotografado e exibido – e com o outro – sujeito interator da mensagem. A fotografia é parte do cotidiano desses jovens que buscam nessa linguagem não só o simples ato de documentar seus momentos, mas até a imortalização de seus quereres e desejos.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

Percebemos, para os sujeitos da pesquisa, que não importa a perfeição técnica, mas o que o imediatismo provoca em quem vê. Eles provocam o olhar do Outro, se lançam protagonistas. São o que parecem Ser. São seres performáticos. Se apresentam e vivem sob uma realidade fantástica representada pela sensação de ser e do Ser. Um sujeito digitalizado, produzido, (des)corporificado pela fotografia. Esses jovens, no Facebook, imprimem em seus Eus os modos de Ser de Alice.

O caráter simbólico e metafórico do Mito de Narciso nos levaram a refletir as relações que os jovens - narcisos digitais - estabelecem nas redes, a partir de narrativas fotográficas que primam pela idolatria por Si mesmo, pela (auto)contemplação, pela (auto)representação e pela necessidade de apare(Ser): o movimento do desejo – vaidade - se constitui em narrativas fotográficas, como aparência "ilusória", produzida. No contexto juvenil, é a possibilidade de sair do ostracismo, personificando nos discursos fotográficos o desejo em atrair a atenção do Outro, com o objetivo de ser contemplado, a partir daquilo que aparenta Ser, numa correspondência com o "imperativo da visibilidade" (SIBILIA, 2008).

Numa perspectiva narcísica, imersa em Si, o sujeito toma a aparência como necessidade básica, na ideia de que sua existência está associada à lembrança, à admiração e ao culto do Outro a Si. E nesse movimento, é preciso atender aos desejos de Ser aceita e valorizada por Si e pelo Outro. É preciso satisfazer suas necessidades de estima. Os narcisos digitais mergulham profundamente em busca da beleza desejada, idealizada pelo Outro. Ao se contemplarem nas águas da fonte Facebook é instalado um jogo de vaidades, tendo nas tecnologias digitais um elemento potencializador para dar eco aos seus discursos.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

Nessa teia discursiva, há uma polifonia de vozes em que a socialidade – tudo o que se passa no contexto social, sem se prender às regras nem ao contrato social (MAFFESOLI, 1998) - pode ser apreendida "numa dimensão afetiva e sensível" (p. 102), em que fica explícito o espírito colaborativo dos sujeitos juvenis bem como a noção de (re)agrupamento e de (inter)ação. Eles assumem várias personas. Não estão sozinhos: multiplicam seus Eus em narrativas. Essa socialidade é potencializada pelas tecnologias digitais e é organizada pelo sensível, resultante da "experiência e reconhecimento do Outro" (p. 103), e se constitui pela prática do "estar-junto à toa" (p.111), disponíveis e em constante movimento. Nessa perspectiva, há uma "ética da estética", cuja etimologia refere-se ao sentido da "faculdade comum de sentir, de experimentar" (p.105).

Nessa práxis social, o que prevalece para os sujeitos juvenis na rede é a conjunção da razão abstrata com a razão sensível: numa dimensão coletiva e estética da vida cotidiana. Assim, os jovens pesquisados representam em narrativas fotográficas sentimentos e emoções fundados não mais em contratos sociais, mas em uma fusão emocional entre os sujeitos que vivenciam o cotidiano cibercultural. Esses sujeitos são coletivos em sua essência e promovem Eus plurais nesse lago narcísico.

Nessa perspectiva, a ética do se exibir no Facebook, dos sujeitos pesquisados, é uma contraposição a moral castradora instituída e institucionalizada - esses sujeitos não se dão conta que nas redes sociais digitais disponíveis há "[...] processos de aprisionamentos controlados por sistemas tecnológicos pensados e processados por sujeitos e instituições agenciadoras. Essa liberdade tão proclamada [...], ironicamente, aplica-se mais as máquinas do que a eles mesmos" (SILVA, 2013, p. 123).

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

O Facebook é, para os sujeitos pesquisados, uma espécie de moral sem restrições, sem fronteiras ou limites. Fluida em experimentações diversas, que traduzidas em performances fotográficas de si, numa ação conectiva, (re)magiciza o território animado pelas aparências. Isso pode ser conferido nas interações a partir de ações como curtir, comentar e compartilhar. Assim, os Eus vêm à superfície com todas as suas vaidades e vontades.

O desejo "de" é a chave para a compreensão das fotografias que são publicadas pelos jovens no Facebook, o que pode ser decifrado a partir de alguns códigos visuais e verbais que se articulam enquanto mensagem. A fotografia passa a ser um receptáculo de um sujeito que busca um modelo social ideal de si, de modo que, o tempo todo, a sua imagem de beleza seja reforçada. Pode-se dizer que há aí um exercício do ethos estratégico, manipulado conscientemente com a intenção de melhor persuadir seus pares.

Nesse jogo de persuasão, o corpo - objeto de cultura - está sempre em completo estado de vir-a-Ser (COUTO, 2012). No Facebook, o corpo que sempre foi mutável, está em cena e "não cessa de ser sedutoramente metamorfoseado" (p. 109). Para os sujeitos pesquisados, há um culto ao corpo e à aparência quando eles se fotografam e se projetam na rede. "O corpo adquire e explora uma pluralidade de espaços e experiências, oferece-se em inúmeros registros, compõe e decompõe-se incessante em busca de novas formas e aparências" (p. 174). É um espaço de transformações, onde "ser belo e sedutor se converteu em um dever" (p. 120). "O corpo vive da sua construção e reconstrução num ato de transformação contínua" (p. 162).

Nesse processo, ele se constitui palco do estrelismo e protagonismo da aparência. Na rede, o corpo juvenil é sacralizado e acaba por se tornar um modelo de instantaneidade dos sentidos e dos prazeres. Percebemos que a aparência desses sujeitos, publicizada no Facebook, propaga de forma

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

estandardizada o território de Ser quem são ou o que gostariam de Ser, num processo de glorificação do gozo.

Numa perspectiva do „narcisismo de grupo" (MAFFESOLI, 1996), corpo e aparência são inseparáveis. E esses são materializados nas tessituras fotográficas. Os sujeitos pesquisados se produzem para se projetarem, usam o corpo fotografado para mapear seus desejos. Essas imagens não dizem respeito apenas à visão do corpo como algo isolado. Ele é pleno de representações de como esses sujeitos são, como se percebem e como querem ser percebidos no mundo, num discurso cheio de sentimentos.

São corpos insinuantes que desafiam o espectador com uma simples escolha do fotógrafo pelo ângulo da imagem, o contra-plongée – enquadramento no qual a câmera fotográfica é posicionada de baixo para cima . Essa escolha intencional dá a impressão de superioridade, de dominação em relação ao observador. A consciência de assim se colocar, nas narrativas fotográficas, é uma estratégia para desestabilizar, direcionar e induzir o olhar do observador: a imagem projetada é uma tessitura do querer, da vontade, do desejo.

A condição dos narcisos digitais narrarem em fotografias suas concepções de Eus significa que novas subjetividades emergem desse "lago" que é o Facebook, mais fluidas, dinâmicas, plurais. Isso muda o modo como os jovens se apresentam, se promovem, consomem. Na cibercultura, o consumo contemporâneo extrapola os ambientes dos shopping centers e galerias, tudo se transforma em vitrine. Desse modo, convém afirmar que nas redes sociais o corpo dos jovens, numa perspectiva performática, passa a ser uma vitrine em movimento. Esses espaços promovem a criatividade no exercício de subjetivar e espetacularizar a individualidade, de modo que as trocas entre os atores

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

culminam numa relação em que há uma fetichização – as subjetivações do Eu (produto) em fotografias.

Nesse contexto, fetiche – atração, fixação incontrolável que culmina em um prazer intenso - é o que há entre o Eu real e o Eu idealizado por cada um dos jovens e na relação de troca que eles promulgam no Facebook. O fetichismo (CANEVACCI, 2008) transita nesse espaço por possibilitar o prazer ao sujeito que mostra, num jogo de representações, o que ele pensa Ser.

Algumas conclusões

O Facebook se constitui, nesta pesquisa, um território de possibilidades de tessituras e representações corporais juvenis, onde subjetividades são projetadas e configuradas em Eus fluidos e performáticos, tendo o corpo como inventário aberto de códigos culturais construídos na instantaneidade que a cibercultura imprime nos sujeitos juvenis, que num fluxo contínuo de imagens (re)magicizam seus modos de Ser. Para dar conta de uma análise mais pontual do nosso objeto de pesquisa, trabalhamos com a abordagem multiperspectivista da educação e comunicação, uma vez que as posições destas duas áreas transversam, entrecruzam e se convergem.

Para os sujeitos juvenis, essa rede social é um espaço de fluxos alucinantes de trocas simbólicas, onde tudo é provisório, efêmero e os tornam, permanentemente, mais livres, mais perdidos, menos pesados, menos encapsulados e mais obrigados a gerenciar seus próprios movimentos. Um exercício de autonomia para lançar ideias e compartilhar sentidos, estabelecendo relações horizontais de cooperação. Neste contexto, nos atentamos para o fato de que essas possibilidades necessitam se transformar em ações para que novas formas de pensar e desenvolver o fazer pedagógico se configurem nesse processo.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

Nesses caminhos, esses sujeitos criam suas próprias estratégias didático-pedagógicas e constroem conhecimentos a partir das provocações, interpretações, críticas, fatos, princípios e ideias que norteiam suas marcas corporais. Pelos movimentos de suas narrativas fotográficas publicizadas e compartilhadas no Facebook, esses sujeitos, muitas vezes silenciados pelas instituições formais, imprimem suas formas de ver e pensar sobre Si mesmos e sobre os Outros. De se fazerem presentes. Assim, trocam experiências, tecem redes de confiança, redes de amizades, redes de colaboração.

As questões postas pela pesquisa nos permitiram chegar a um conjunto de conclusões, sintetizadas em três eixos complementares: os corpos juvenis são canais tecno-digitais de comunicação e se constituem elementos além-dos-limites, que ultrapassam uma geografia corporal na ordem de narrativas hipertextuais; os sujeitos juvenis imprimem em seus corpos publicizados nas redes sociais a avatarização da liberdade, tendo na fotografia o lugar seguro do visível e o espaço das experimentações corpóreas, cujas sensações de gozo e liberdade são imediatas e tangíveis nas telas; as narrativas fotográficas dos jovens pesquisados são produtoras de conhecimentos que imprimem uma pedagogia da imagem. Assim sendo, as imagens postadas por esses sujeitos pensam e fazem pensar, veiculam pensamentos, estimulando intelectualmente o observador à forma e à estética do artefato postado.

Percebemos que esses movimentos favorecem a produção comum. E o comum, compartilhado entre os sujeitos juvenis, se constitui suporte na produção futura do Outro, numa relação cíclica exponencial, geradoras de novas ideias, novas narrativas, novas rotas de aprendizagens: essas sem processos hierárquicos, sem ordens de comando, sem tempos e espaços fixados. O Facebook se constitui um espaço potencialmente educativo que, em

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

sua natureza tecno-digital e globalizada, fomenta a cooperação e a colaboração nas dinâmicas sociais, gerando participações crítico-reflexivas mais pontuais.

Por fim, enfatizamos a emergência na implementação de processos educativos mais coerentes com outras rotas de aprendizagens que os sujeitos juvenis estão traçando, num movimento coletivo de (re)invenções. Neste contexto, as práticas pedagógicas precisam ser contextualizadas numa dinâmica ampliada das concepções que ancoram o fazer pedagógico em tempos de cibercultura. A educação precisa caminhar por essas rotas, para que possa ser curtida, comentada e compartilhada pelos sujeitos de seus tempos e espaços.

Referências

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel, MONTARDO, Sandra (orgs.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento editorial, 2009.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 2ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles.São Paulo: DP&A Editora, 2005.

CANEVACCI, Massimo. **Fetichismos visuais, corpos erópticos e metrópole comunicacional**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos voláteis, corpos perfeitos**: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano. Salvador: EDUFBA, 2012a.

COUTO, Edvaldo Souza. As façanhas dos extremos: o triunfo do corpo nas atividades físicas e esportivas radicais. In: COUTO, Edvaldo Souza e GOELLNER, Silvana V. (orgs.). **O triunfo do corpo**: polêmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 201b2. p. 161-185.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

COUTO, Edvaldo Souza. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO, Edvaldo Souza e GOELLNER, Silvana V. (orgs.). **Corpos mutantes**: ensaios sobre novas (d)eficiências Corporais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 41-54.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel e AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

KIRST, Patrícia Beatriz Argôllo Gomes. **Transfotografia**: o pixel em multidão. 2010, 106 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LEMOS, André e LÉVY Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília, DF: Liber Livro Editora, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MORIN, Edgar. **Complexidade e transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: EDUFRN. 1999.

ROCHA, José Damião T. **A presença ausente das tecnologias digitais no curso de pedagogia da UFT**: interconexões e hibridações da educação e comunicação como interzona contemporânea. 2009. 179 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

ROLNIK, Suely. **Esquizoanálise e antropofagia** In: Gilles Deleuze. Une vie philosophique, Alliez, Éric org. (Paris: Les empêcheurs de penser en rond, Synthélabo, 1998); pp. 463-476 e in Gilles Deleuze. Uma vida filosófica (São Paulo: Editora 34, 2000); pp. 451-462. Texto apresentado no colóquio Encontros Internacionais Gilles Deleuze (Brasil, 10-14 de junho de 1996). Disponível em http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Antropesquizoan.pdf Acesso em 27 out 2010.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p364

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Valdirene Cássia da. E**-jovens, e-músicas, e-educações**: fronteiras dilatadas e diálogos cruzados na era das conexões. 2013. 153 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia:** perda e permanência; Tradução de Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.